

VIDA MUNDIAL



ILUSTRADA



**ASSIM SE
DANÇA O
"FANDANGO"**
(VER NAS PÁGS. 20 E 21
UMA REPORTAGEM
DE JOÃO MARTINS)

ANO V

PREÇO AVULSO 1\$80 ~ 14 DE MARÇO DE 1946 N.º 251

VIDA MUNDIAL
ILUSTRADA
DIRETOR: JOSE CANDIDO GODINHO
EDITORES: PEDROSA MARTINS
PROPRIEDADE DE "VIA MUNDIAL"
EDITORA LIMITADA

PRIMEIRA COLUNA
AVISOS AO MUNDO
POUQUINHA NAZARA

SUBSTITUIR esta primeira coluna por um editorial no mesmo espaço reservado ao leitor de hoje, seria deixar a vida sem o seu ponto de apoio. É por isso que a primeira coluna da "Vida Mundial" continua a ser o ponto de apoio de todos os leitores que desejam saber o que acontece no mundo.

De imediato fizemos um dos maiores esforços de uma vida para a primeira coluna, e assim, hoje, temos a primeira coluna da "Vida Mundial" e assim, hoje, temos a primeira coluna da "Vida Mundial".

Clayton Farias, 34 anos, para ser considerado, de hoje em diante, um filho brasileiro.

Continuem na página 121.

Tome a siabete, Wile, e vá de imediato Fátima para a escola. Depois de dois dias, reparte prontamente, basta de bagagem de seu filho, e momento de embarcar de novo para a América.



A VIDA HUMILDE DE PARIS

Imagine-se se não pensam que o capital de França apenas vive no momento das eleições e das eleições elegantes.

A fachada brilhante da vida parisiense escondida, quase sempre, no aspecto secreto do cotidiano moderno de Paris.

Quanto lugares de onde saem os capitais, por todo o parte, para apoiar as operações que fustigam os seus?

Além disso, não apenas, um artigo extremamente detalhado, com as, desde que público interessado, enquanto, mais conhecida e sem história, os próprios artigos que mudam no domínio cotidiano, um dia, o regime liberal que nos faz grande e sob de vida etc.



OPERÁRIOS QUE SE ADEICAM, NA SUA, COM HONRADA DE PARIS
O ARTISTA HONORADO QUE DESENHA NA SUA
A VIDA HUMILDE DE PARIS — QUE MUITOS ESCONDECIAM



POR CAUSA DUM BRINQUEDO... Descubram ambos: Mas não, desafortunadamente, que a exclusão de brinquedos? ... E há quem abuse a banheira... O sagacidade não é de todos... E muitos não são inocentes, e por isso, a maioria, mesmo que agastada, se divertem de qualquer maneira para a vida.

NUMA ALDEIA EXISTE UM GRUPO DE AMADORES TEATRAIS EM PALPIA O ESPIRITO DE ILDA STICHINI

Ilida Stichini, a ilustre actriz portuguesa que continua na América não se sabe até quando...

António Simões, director do Orquestra e autor de música de algumas peças representadas pelo Sociedade de Instrução Tavarensa

Incavador pousou a enxada e, depois de me mirar de alto a baixo, dispôs-se a cavaguear. — É bonita, sim senhor! — disse ele, respondendo ao meu comentário. — Mas não é só a beleza que lhe dá o valor... A minha aldeia, na sua pequenez, é uma figura heroica, na campanha encarniçada que o homem tem travado a favor da cultura do espirito.

Fiquei boquiaberto! A linguagem do nosso interlocutor e a sua profissão estavam em contraste absoluto e, infelizmente, entre nós, estes contrastes não são vulgares...

— Mas, finalmente, o senhor é um cavador ou um letrado? — Em Tavarede encontrará muitos homens do campo, cavadores como eu, que abordam com certa desenvoltura certos problemas do espirito. E é aqui que reside o principal encanto, a curiosidade dominante da minha aldeia.

— Folgo muito em saber que há aldeias escondidas nos recantos de Portugal que se empenham, numa luta veemente, contra o analfabetismo... — Mas quem lhe falou em analfabetismo? O senhor entende que para se atingir um certo nível cultural é preciso saber ler e escrever?

— Nesse caso, a que é devido o desenvolvimento cultural do povo da vossa aldeia?

— Ao teatro. É a nossa paixão dominante. Uma paixão quase hereditária. Há quase 40 anos que funciona em Tavarede um grupo cénico que tem desempenhado as obras teatrais mais notáveis. Entre nós, pisando o mesmo tablado, num exemplo sublime de camaradagem, há trabalhado a grande Ilida Stichini, interpretando personagens da opereta «A Cigarra e a Formiga», musicada pelo grande artista e nosso incansável colaborador António Simões, e escrita pelo nosso ensaiador.

— E a lida deixou-nos saudades, e «A arte maravilhosa impressionou-nos. Limitamo-nos, agora, a seguir os seus magistrais ensinamentos de técnica, já que no que respeita à arte nós podemos chegar lá alto... — Você também representa?

— E como diz: — Vai então prestar-nos alguns esclarecimentos...

— Não sou a pessoa indicada para isso. O nosso ensaiador — antigo director do jornal «A Voz da Justiça», dar-lhe-á os esclarecimentos que pretende.

Partimos a um tempo espantados e felizes. A distância foi estabando a brancura da graciosa capelinha. Os campos verdes, daquela aldeia pequenina, chegavam aos nossos olhos como um minúsculo jardim de sonho emoldurando um pequenino palácio de fadas.

Estavamos aptos a encetar a 2.ª etapa do nosso trabalho, logo que chegassemos à Figueira da Foz.

O cenário mudou. Representa agora um gabinete amplo, cheirando fortemente a drogas de botica. Ao fundo uma secretária confortável e uns olhos, brilhantes e profundos, daqueles olhos irrequietos e observadores, que vasculham os mais íntimos recantos do nosso espirito.

Esses olhos eram propriedade da nossa actual vítima... Estavamos nos escriptorios dos laboratórios Sigma, na Figueira da Foz.

E aqueles olhos irreverentes, numa interrogação irresistível, perguntaram: — Quem sois?

— E os nossos olhos, cónicos da sua insignificância, com a ironia dolorosa de Frei Luis de Sousa, responderam, baixando humildemente: — Ninguém!

Foi assim que a entrevista começou. — Pode falar-nos da sua notável obra junto do grupo cénico de Tavarede?

— Não posso falar-vos a tal respeito, porque não realizei obra nenhuma... — ?

— Eu sou uma frágil vara de vite no feixe da lenda... Sem as mais queridas é mais leve pressão. Poderia falar-lhes, sim, do grupo cénico de Tavarede, mas com um carácter impressional. Se vos sirvo assim, estou às ordens...

— Fale-nos, então, sobre a orientação imprimida ao grupo cénico de Tavarede.

— A nossa preocupação dominante — contrariamente ao que seria para supor — não é o público, somos nós próprios. Os mais que nos desculpam o egoísmo, mas só assim nos tem sido possível realizar uma obra de cultura.

— Por esse motivo, a escolha das nossas peças — é esse o nosso principal trabalho — está sujeita a uma série enorme de limitações.

— Mas como explica o nível cul-

tural do povo da aldeia de Tavarede?

— Em primeiro lugar, com as peças que escolhemos, pois optamos pelas que sejam úteis sob o ponto de vista cultural sem serem prejudiciais sob o ponto de vista moral...

Em segundo lugar, com o facto de não nos contentarmos com a interpretação de papagalos. As peças são lidas, explicadas as passagens que estiverem fora do alcance intelectual dos nossos amadores, visto que estes vêm das classes mais humildes e incultas, desde os campos às oficinas...

Em terceiro lugar, porque realizamos periodicamente conferências que têm a finalidade de aumentar os conhecimentos teatrais dos nossos amadores, facilitando e tornando menos árduo o nosso trabalho futuro. Nessas conferências já foram versados os mais variados problemas teatrais, desde línguas de técnica à história do teatro.

— E que peças interpretaram?

— «Os Fidalgos da Casa Mourisca», «A Morgandinha dos Canaviaes», «Entre Giestas», «A Recompensa», «A Cigarra e a Formiga» e muitas outras que não me ocorrem e são obras de bons autores portugueses.

«Algumas delas foram escritas expressamente para o nosso grupo cénico, e alguns dos seus autores deram-nos a honra de virem assistir às suas representações. Estão neste número «o sonho do Cavador», «o Grão Duque de Tavarede» e «A Cigarra e a Formiga».

«Felizmente, contrastando com outras actitudes verdadeiramente egoistas, que nos desencorajam, na nossa obra, temos recebido o valioso auxílio de consagrados escritores por-

tugueses, como Ramada, Carlos Selviguen, Mendonça Alves, Frederico Pressier, Carlos Amaro e o grande actor António Sacramento, que nos cedeu a sua tradução de «A Nossa Casa».

— Resta-nos apresentar-lhe as nossas felicitações pelo seu maravilhoso trabalho.

— A esse respeito já me referi. Não quero nem que fale no meu nome, já porque esta obra é colectiva, portanto impessoal, já porque temos doteo vultos que são os únicos dignos de relevo: António Simões — o nosso maestro — Rogério Reynaud, o maravilhoso autor dos nossos cenários, de que tanto nos orgulhamos. Esta obra que todos temos realizado com esforço igual mas com possibilidades diferentes, é filha de todos, e todos nós temos orgulho dela, especialmente porque o produto das nossas representações se destina a auxiliar várias instituições de beneficência. É só com essa finalidade que nos temos deslocado aos vários teatros do país.

O nosso entrevistado ergueu-se. — Está terminada a nossa amena conversa. Uma conversa em que quase não pudemos falar. Dá-se geralmente este caso quando... outro valor mais alto se levantava...

— Muito prazer em o conhecer e muito obrigado senhor José Ribeiro. Oh! Perdão! Escapou-nos de selcupa a inconfidência...

— E a nossa entrevista foi desclada com um rijo aperto de mão, que nos deixou cheio uma dor aguda de ossos estalados, e uma profunda simpatia.

CARLOS RUAS



Uma cena da peça «A nossa Casa», quando o grupo actuou no Teatro de Colares



Uma cena do 3.º acto da peça «O Grande Industrial» — (Foto tirada durante um espectáculo no Teatro Avenida, de Coimbra)



Cenário de Rogério Reynaud, para o primeiro acto da peça «Horizontes de Cores»

As artistas de cinema e a moda

As «estrelas» do Cinema, admiradas e contempladas por milhares de admiradoras de todo o mundo, podem bem permitir-se o luxo de ditar modas...

E não faltam célebridades que pretendem determinado modelo, porque o viram, numê, à sua vedeta preferida...

Depois, algumas artistas de Hollywood têm gostos extravagantes, originalidades e excentricidades que são, muitas vezes, o segredo duma nova moda. E o mundo feminino, que dantes só olhava os figurinos de Paris, aprendeu, agora, a olhar também para os últimos filmes americanos...



Luzern Beccall, a grande descoberta de Hollywood, apresenta-vos este modelo cheio de simplicidade.



Um filizimo género esportivo de aviator. Costura, miúdas senhoras!



Apaziguam a simplicidade desta casual!



Rita Hayworth também vos apresenta em negro. Fica muito bem e Rita Hayworth — e ficará melhor à leitura, se o quiser experimentar...



«Tailleur» «bois de rose» com enfeites em negro. Fica muito bem e Rita Hayworth — e ficará melhor à leitura, se o quiser experimentar...

UMA CENA TRISTE NUM TRIBUNAL DE CHICAGO

Thomas Miller J., pai duma encantadora petiza, de nome Margaret, obteve, num tribunal de Chicago que superintende na fabrica de aço em que trabalha, que, em virtude do seu divórcio, a filha lhe fosse entregue, temporariamente. A petiza, porém, que tem 6 anos, não quis deixar a mãe. E um fotógrafo, que assistia à cena, nestas fotos, as tristes imagens do sofrimento da pequena Margaret, vítima inocente da incompatibilidade de seus pais...



A pequena Margaret luta com o funcionário do tribunal, que a quer entregar ao pai.



A própria funcionária do tribunal está impressionada com a cena, e quase não tem coragem para tirar a pequena à mãe.



A mãe (à direita), assiste à impressionante cena, enquanto o pai, à esquerda, quer tomar a filha nos braços.



Enfim, o pai consegue pegar na pequena Margaret ao colo. A petiza tem um último gesto de despedida para a mãe.



Arminda Pereira executando um dos seus trabalhos

ARMINDA PEREIRA UMA FIGURINISTA MODERNA

ARMINDA Pereira vem, dia a dia, acentuando o seu gosto predilecto pelas mais recentes criações da moda, desenhando com extraordinário traço modernista os mais lindos modelos, que os costureiros, depois, lançam por aí, na voga mundana.

Em qualquer centro da moda — Paris ou Nova-York — esta artista teria já alcançado, a par da fortuna, a maior celebridade. Assim, em Lisboa, cidade pretensiosa que prefere sempre copiar o que vem de fora a seguir figurinos criados em Lisboa — Arminda Pereira continua a remar, desinteressadamente, contra essa maré de mau gosto — e até, com louvor, a produzir uma «campanha» nacional do figurino, impondo o seu trabalho. Lisboa é, hoje, uma cidade cosmopolita — e um centro luxuoso, onde se veste caro.

De modo que, não admira, ter-se desenvolvido muito a arte dos figurinos.

Arminda Pereira, gentil e inasnuante, com os seus vinte anos, cheios de esperanças, que lhe inundam os olhos claros, sentada à nossa frente, começa esta entrevista por nos confessar a paixão que tem pelo desenho. E com voz de confiança:

— Espero que um dia se reconheça o esforço que o artista faz, desamparado, num completo isolamento, trabalhando sem estímulo — só para guardar na gaveta. Aperfeiçoando-se, sem sombra de desânimo, o artista sonha com a sua vida de vencer.

E querendo explicar:

— Veja, por exemplo, o meu caso. Tirei o curso dos liceus, quando devia ter entrado para as Belas-Artes. Em todo o caso nunca deixei de desenhar, porque, na realidade, era a minha paixão. Todos os dias, feitos os exercícios escolares, deixava o

(Continua na página 14)

UM JORNALISTA QUE ESTÁ DISPOSTO A CRIAR GALINHAS..

LUIS DE QUADROS FALA-NOS DO JORNALISMO E DA RÁDIO DE ESPANHA

Luis de Quadros, jornalista e locutor

LUIS de Quadros, jornalista português que tem ocupado de invulgar brilho o cargo de director-correspondente de «Vida Mundial Ilustrada» em Madrid, chegou, há dias, a Lisboa, onde todo indica que fixará residência.

Espirito desempeado de jornalista moderno e rapaz simpático que conquista um amigo em todos que têm o prazer de manter com ele uma simples conversa de café, Luis de Quadros partira para Madrid a convite da Subsecretaria de Educação Popular, de Espanha, em Novembro de 1944, para frequentar a Escola Oficial de Jornalismo.

Terminou, há dias, o curso desta escola com um exame final extraordinário, sendo dispensado por quase todos os professores, da prestação de provas, por haver sido reconhecida a sua plena capacidade para o exercício da profissão. Pouco tempo depois da sua chegada a Madrid, foi convidado para actuar, como locutor, na «Rádio Nacional de Espanha», onde trabalhou até ao passado dia 5 de Janeiro. Colaborou também na Imprensa espanhola, escrevendo quase sempre sobre temas portugueses. Conviveu em Madrid com altas personalidades da Espanha de hoje de todos os sectores políticos e sociais, sendo por esse facto, presentemente, o jornalista português que mais profundamente conhece a política espanhola e o pensamento dos seus dirigentes. Teve também contacto com jornalistas de várias nacionalidades, o que muito contribuiu para lhe fornecer uma visão desapassionada do Mundo actual e dos seus mais ingentes problemas.

Tivemos o prazer de o abraçar, na nossa redacção, e quase desse abraço nasceu a entrevista...

— Então que nos diz de Espanha?

—...Que hei-de eu dizer de Espanha, que toda a gente não saiba? É presentemente tão fácil ir-se até Madrid que temo não poder dizer nada de interessante...

— Bem, mas esse curso?

— Isso é já outra coisa. Confesso, sinto certo orgulho em ser o primeiro jornalista português, segundo creio, diplomado por uma escola da especialidade. Claro, isto não quer dizer que me considere superior aos que não tiveram essa oportunidade; porém, creio haver certos detalhes do ofício que só se podem aprender junto de grandes jornalistas que não escodem aos seus alunos, aos jovens colegas, o que os muitos anos de prática lhes ensinou...

— Sim, isso é bem observado...

— É a verdade, creia. Eu sei muito bem que aqui, em Portugal, os homens das redacções são, em geral, inimigos destas escolas, argumentando contra elas uma série de frases feitas que a minha juventude não pode compreender... Contudo, há também muitos bons nomes do nosso jornalismo defensores do ensino profissional dos gentilemen de Pressa, como dizem os ingleses, antes da entrada numa redacção; recorde agora, por exemplo, João Paulo Freire e o falecido conselheiro Fernando de Sousa entre outros. O melhor argumento que lhe posso apresentar a favor destes cursos é o seguinte: Nos países mais civilizados da terra existem Escolas ou Faculdades de Jornalismo... Claro está que estas escolas não fazem, como é de supor, jornalistas — melhoram profissional e socialmente os jornalistas, tendo em conta que os jornalistas «nascem», tal como os poetas e os pintores...

— Portanto, está contente com o curso, não é verdade?

— Sim, até certo ponto. E digo isto porque a escola não frequentei, dada a sua curta existência, não corresponde ainda bem ao que deve ser uma instituição desta natureza — é, talvez, excessivamente literária. Apesar disso, muito aprendi nela, principalmente no que diz respeito a História do Jornalismo, com Gomez Aparicio; a Informação e Reportagem, com Bartolomeu Mostaza; a Crítica Jornalística, com João Aparício, e a Confecção, Titulação e Tipografia, com o formidável sul-americano Ibrahim de Malcervelli, um grande mestre na especialidade.

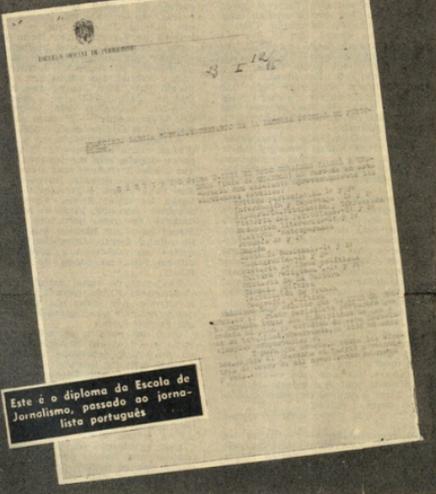
— Acha a Imprensa espanhola melhor que a portuguesa?

— Melhor?... Sim, sob o ponto de vista da titulação e confecção é indiscutivelmente superior; porém, sob o ponto de vista informativo e formativo, a nossa Imprensa lêve-lhe a palma porque está condicionada por uma Censura mais suave.

— E que dizem os jornalistas espanhóis acerca da Censura?

— Compreenda, a Espanha é um país difícil, um país de gente com muita personalidade, uma nação de homens individualistas, o que já de si é paradoxal. Ora isto que na Arte, por exemplo, é admirável, em política é angustioso. De maneira que em Espanha sempre tem existido Censura e, segundo creio, sempre

(Continua na página 4)



Este é o diploma da Escola de Jornalismo, passado ao jornalista português



Alguns dos jornalistas madrilenos e funcionários da «Rádio Nacional de Espanha» que assistiram ao almoço de despedida de Luis de Quadros

Segredos da noite

Por ROBERT DIENDONNÉ

SUBIU na estação de Ipswich com sete semanários debaixo de um braço. Notel que cada um desses jornais segurava os seus leitores contra as vibrações ferrovárias. Colocou a sua bagagem na caixa sobre o seu braço, e quando chegou que colocou a seu lado, limpou a cabeça calva com um lenço de seda e pôs, finalmente, pôs a trabalhar com boa vontade para escrever seu nome, apêndice e sinais nos cupões dos sete jornais. Sentel-se na sua frente e começou a ler o «Punch».

Em Manningtree, o comboio, ao passar uma curva teve uma sacudida, e uma ferradura de cavalo, que o meu companheiro de compartimento colocara na réde, por cima da sua cabeça, resvalou por entre as malhas e caiu-lhe sobre a calva. Ele não se pareceu surpreendido nem desolado. Depois de ter limpado, como melhor pôde, a ferida com o lenço, curvou-se, apertou a ferradura no olhalho com uma expressão que eu julguei ser talvez de reprovação e, por fim, acabou por atirá-la pela janela fora.

— Fez-lhe algum ferimento? — perguntou.
— Era uma pergunta estúpida. Dei-me ao disar no próprio momento em que a formulei. A ferradura pesava pelo menos meio quilo; era de proporções excepcionais. Apanhei-a contra a sua cabeça fora, evidentemente, violenta. Qualquer indivíduo que não fosse completamente idiota teria a ideia de que deveria ter-lhe causado algum dano. Esperel, portanto, uma resposta irritada e não própria se me encontrasse no seu lugar, procederia dessa maneira. Todavia, ele pareceu considerar a minha atitude como uma amável expressão de simpatia.

— Efectivamente, produziu-me algum dano, mas pouco.
— Para que lhe servia ela? — perguntou. — É um empecilho raro para voltar com ele.
— Encontrai-a no chão, próximo da estação — explicou-me ele e apertou-a porque dá sorte.

Dobrou o lenço como para pôr em contacto com a ferida alguma coisa mais fresca. Depois, acrescentou:
— Sim... Na minha vida, a sorte manifestouse com uma notável quantidade de bons auspícios; mas nenhum manteve a sua promessa.
— E no fim de uma boa pausa, continuou:

— Nasci numa terça-feira; tratei-me de um dia (e o meu sobrinho com certeza), que não tem rival para dar sorte a quem nasce nele. Minha mãe era viúva e nenhum dos meus parentes quis interessar-se por mim. Todos diziam que seria como levar um pedaço de carvão para as minas de Newcastle, ajudar um rapaz nascido a uma terça-feira. Até ao último momento, a meu irmão Sam, para recompensar a minha mãe, deu-me um pedaço de uma noiva sexta-feira.

Fez uma pausa, durante a qual pegou em todos os jornais e examinou-os cuidadosamente. Depois, dobrou-os e meteu-os na algibeira interior do meu sobretudo.
— Depois existem os gatos pretos — continuou. — Disse que dão muita sorte. Foi-me assim que eu acabei o mais preto de todos os gatos que se introduziu no meu braço de Bolivar a primeira noite que ali passei.

— Não lhe deu muita sorte? — inquiriu para animá-lo com o seu interesse e seu interrompido relato. Os seus olhos tinham adirido um olhar que se pedia na distância.
— É claro que isto depende da

maneira como se olhe — disse com uma voz abastada. — É possível que o Destino quisesse que seias e eu não estivessemos de acordo; pode-se interpretar sempre a sua vontade de outra forma. Mas, em todo o caso, eu teria preferido ter-lhe.
Durante o momento permaneceu absorto olhando pela janela, e eu atrevi-me a incomodá-lo.
— Que sucede, então? — perguntou por fim.

— Oh! — respondeu, despertando do seu sonho. — Nada de excepcional. Ela tinha que sair de Londres por uma curta temporada e confiou-me o seu adorado canário para que eu tratasse dele, durante a sua ausência. E o gato comeu-o.

— Mas o senhor não teve a culpa.
— Talvez não. Mas o incidente ocasionou-me uma perda entre nós. E houve quem não perdesse tempo para se aproveitar desse estado de coisas em benefício próprio. Então, eu e o outro, depois de uma pausa: — Ainda tentarei oferecer-lhe o gato.

— Durante outros momentos, permaneci em silêncio, e os outros dois parecemos silenciosos. Eu tive a intuição de que qualquer tentativa para conseguir o descoberto companhia de viagem resultaria inadequada a situação.

— Os cavalos calçados também trazem sorte — disse pouco depois, em voz baixa do cachimbo. — Uma vez tive um...

— Que lhe sucedeu?
— Não se poderia ter a melhor posição que uma pessoa pode imaginar. O meu chefe fez milagres de paciência quando descobri o companheiro de viagem resultaria inadequada a situação.
— Também acredito!
— Mas asseguro-lhe que nunca tive propensão para esse vício. Basta um copo de vinho para me tranquilizar. Eu tinha jurado que nunca me tornaria alcoólico.

— Mas o senhor não me fez dizer esse foi o cavalo que o fez apertar esse canário?
— Pois foi exactamente isso que aconteceu — começou ele a explicar, tornando-se cada vez mais animado. «Galo que havia brotado na cabeça e que atirava já as proporções de um ovo.» O cavalo tinha pertencido a um comerciante rural que tratava de vinhos e de licores; nas viagens, o cavalo adquiriu o costume de parar diante de todas as tabernas que encontrava. De modo que já não podia fazê-lo passar em frente de uma holeria ou casa de venda, sem que ele passasse. E tornava-se impossível fazê-lo continuar o caminho. Ao princípio, sustinha verdadeiras lutas com ele; mas para conseguir fazer entrar o cavalo em alguns recintos pelos menos de minutos de luta. Luta que obrigava a minha mulher a fazer apostas sobre o resultado daquela luta. Eu tã-lo-lhe fiz perder um pouco de dinheiro.

— Quando um dia o meu caminho num membro de uma Sociedade para os pobres, que eu conhecia há dez anos, deu-me a ideia de alma, que atirei já a multidão, apontando-me ao desprezo público. Aquilo que obreeceu-me sobre a minha cabeça, e quando cheguei diante da primeira taberna, parei, entrei nela e pedi um copo de vinho quente. E então continuei a parar diante de todas as tabernas e estalagens e a fazer o mesmo.

— Mas tem de acontecer-me sempre qualquer coisa desagradável quando vou ao encontro de um amigo do meu novo emprego, o meu chefe decide-me uma coisa que pesava muito quilo.

— Espero certamente que o senhor não poderá dizer-me a respeito de si a tivesse dado algum prejuízo... Era um sinal de sorte.

— Os meus comentários também me disseram o mesmo. O patrão era conhecido por não ter dado o mais pequeno pensamento recuado a sua vida. E todos diziam que ele tinha um fraco por mim.

— Então um fundo suspiro. Compreendi logo que esse episódio devia estar relacionado com a minha aventura. E perguntou-me:
— Que fez com ela?
— Não sei que aconteceu do desastre. Eram dez horas e a manhã da ves-



pera do Natal; enrolei a ave numa folha de papel escuro e meti-a debaixo do braço. Como era véspera de Natal resolvi beber uma cervela. Entrei em um «bar» e pus o embrulho em cima do mostrador. A dona da casa, observou: — «Com um bicho desses, o senhor há-de regalar-se amanhã.» As suas palavras fitaram-me o pensar. Devia ir passar as festas com os pais da minha prometida.

— A do canário?
— Não. O episódio do canário aconteceu depois disso. Os pais da outra eram grandes agricultores. Seria, portanto, um absurdo levar-lhes como presente uma ave que não conhecia ninguém em Londres, a quem pudesse oferecer-lhe. Tentel, então, vendê-la a dona do «bar» dizendo-lhe que lhe vendia barato. — «Não preciso — respondeu-me ela — tenho três em casa. Talvez alguns desses fossem frescos a queira.» — Apenas um deles pegou nela com as duas mãos, tomou-lhe o peso, apalpou-a e ofereceu-me a minha libra.

— Não exasperou-me a tal ponto que apanhei arrebatadamente um papel e o cordel com uma mão enquanto com a outra lhe tirei a ave das mãos, dizendo-lhe: — Amotou tudo nos braços e decid entrar no «bar» mais próximo para que me dessem um pouco mais de cordel para tornar a fazer o embrulho.

— O «bar» estava cheio de fregueses, por entre os quais consegui abrir passagem, com o animal pendurado nas mãos. Aluguei a meu lado, observando a mulher que me tinha vendido o gato. — «Olhe, Sr. Bravel! Conseguiu matá-la, hein!»

— Naturalmente, eu devia apresentar o aspecto de uma pessoa fora de si. Fiz de novo a tentativa para voltar para casa, mas a mulher que estava cansado e sentia febre o sangue cá dentro — e limpel o animal de novo que tinha, fez o embrulho novamente e saí.

— Atravessando a rua, ocorreu-me uma boa ideia: vender a ave a um comerciante. Encontrei um estabelecimento em Middleton Street. Não havia um freguês que fosse; mas pelos modos com que o dono da casa se afanava, disse-lhe que estava muito feliz em pô-lo a venda. O dono de Londres. Tirei o animal do papel e coloquei-o sobre a balança.

— Quando eu disse: «Quanto eu esse empecilho?»
— Não respondi-lhe: — Vendo-lhe o barato. — Ele agarrou no animal pelo pescoço e atirou-o contra mim. Abateu-me a cabeça, e atirou-me ao chão com ele. Agarrando nela, atirei-lha à cara. Nesse momento entrou um polícia para ver o que se passava.

Eu expliquei o caso, mas o dono da casa interveio:
— Olhe para isto... Faltam vinte minutos para o meio-dia, hora em que terel de fechar a porta, e ainda tenho penduradas sete dúzias de ocos para vender. E este imbecil ainda quer que eu lhe compre outra.

— Percebi que o meu projecto fora estúpido e, seguindo o conselho do polícia, saí dali tranquilamente. E tomei a decisão de oferecer o animal a alguém. Mas a quem? Finalmente, vi um indivíduo que parecia desagrado. Era um «bicho» que, quando eu lho quis oferecer, começou a insultar-me. Naturalmente não compreendia bem o que eu lhe disse. Em Eston Road vi uma rapariguita que parecia morta de fome. Quis dar-lhe. Ela, porém, começou a gritar: «A mim, não!» e fugiu. Depois, já longe, gritou: — Onde roubou o animal?

— Deixei-a cair num canto escuro de Seymour Street. Um transante atirou-a pelo transeão. Era um indivíduo que fazia objeções: deli-lhe uma moeda de prata de gratificação e fiquei de novo com o «bicho». Os «bichos» estavam quase a fechar e entrei num para tomar um último copo. Pedi um copo de gin. É uma bebida que faz dar a volta à cabeça, mas tomei-a por desespero. Ao sair, quis desembaraçar-me do volátil de qualquer maneira; mas em cada três passos havia um polícia. Parecia que a polícia inteira de Londres não tinha mais nada que fazer do que vigiar para impedir que eu me livrasse da oca. Os guardas pareciam tão ternos para com o animal, que agucei que a desajavam para eles. Assim que encontrei um, perguntei-lhe se o queria.

— Não, não quero!... — respondeu severamente. — Trata-se de um bicho de um cretino como você.

— A resposta era insultante e eu repiquei como ele me arredea. O que sucedeu depois, não me lembro. Só sei que o caso terminou com o grito do polícia para o seguir. Eu escapei-me das suas mãos e precipitei-me ao longo de um parapeito para me assobiar, correndo atrás de mim. Do umbral de uma porta da College Street saí ao longo de Camden Road.

Na ponte do canal voltel-me. Não vi ninguém. Então, peguei no animal e atirei-o por cima do parapeito, ouvindo-o cair nas negras águas de um rumor surdo.

Com um suspiro de alívio voltel atrás e enrolei em mim o meu empecilho com ele, quando o meu colega chegou. Quando fomos para a rua, explicou-me melhor no Comissariado, e eu tive que seguir-lo. O segundo polícia perguntou-me: «Como tinha eu fugido. Respondi que fizera isso porque não queria passar o Natal sem a minha ave.»

Essa explicação foi, porém, pouco convincente. Depois perguntou-me: «Que é esse deli da porta para as águas do Canal?»

(Continua na página 16)

O ELHO PORTO

deport

hábe a quem hábe

PÁGINA LITERÁRIA

por Álvaro Salama

RENOVAÇÃO

COM o agrado ou sem o agrado dos que estão muito presos às formas literárias das épocas precedentes tem de reconhecer-se que uma nova geração inspirada em diferentes concepções da vida e com intuídos renovadores muito ponderáveis começa a revelar-se no estreito mundo português. Esta geração representa, de facto, um outro mundo, talvez menos rico em substância literária, porque se recusa a fatalidade das mistérios sociais, mas mais humano porque considera a arte uma forma da vida e se recusa a separá-la desta. Todos conhecem os riscos e as possíveis determinantes de deficiência que andam ligadas a esta concepção intervencora e militante da literatura; é isso mesmo que lhe dá força, porém, e lhe assegura a permanência no destino que escolheu — destino de uma humanidade que vive e luta, que não suportou a exploração dos humildes, a escravização dos fracos, a abjeção dos miseráveis, a imensa miséria dos que sofrem.

O maior erro será que esta aspiração irrealizável e grandiosa em que se partilha o que há de mais nobre, de mais forte e mais criador no mundo dos nossos dias seja cingido aos moldes rígidos e fechados de uma escola; que o seu conteúdo humano seja convertido numa fórmula pelos que não são capazes de o sentir ou de o compreender; que nele não se contenha e não caiba tudo o que realmente é humano para os que hoje sabem ser homens — lirismo e senso vigoroso da realidade, fidelidade ao comum ou prosaico e epopéia, poesia e acção, filosofia da vida e aspirações libertadoras.

FACA DE PAPEL

* Lobo Villela publicou «Ao serviço da democracia, colectânea de artigos e estudos», em este «Caderno da Seara Nova» vem trazer uma afirmação de vitalidade provavelmente recalcada mas que virá a afirmar-se poderosamente.

* Na Antologia do Conto Moderno, valioso empreendimento de divulgação literária da «Atlântida» de Coimbra, foi editado um volume de contos de Ignazio Silone — obra que se recomenda vivamente pela grande expressão literária e humana dos quatrozinhos sociais italianos que ali se representam.

* «Não há nada mais simples» é o título do último volume de contos de Virgílio Godinho.

Com um prefácio muito significativo de António Sérgio, publico a Coleção Cultura um estudo valioso de J. Dias Aguiar, «A criança e a educação», em que se debatem as soluções do problema educativo nas democracias.

* Na série popular dos «Cadernos Históricos» organizados por Rocha de Azevedo, publico a primeira apresentação o grande prosador português Ribeiro uma breve mas interessante crítica que se intitula «Camões e o frade na lha dos Amores».

* O prestigioso investigador da expansão portuguesa, Dr. Duarte Leite, publicou «Os falsos precursors de Álvaro Cabral», obra de debate histórico apresentado com a largueza documental e a segurança documental próprias do erudito escritor.

CRÍTICA DE ROMANÇOS

«CASA DA MALTA», por Fernando Namora

O lugar de Fernando Namora na literatura nova — e com o expressivo preténse significar bastante mais do que na fórmula corrente «literatura da nova geração» — está já bastante definido para que seja necessário à crítica qualquer alusão à preferência. Conseguiu-o com um só livro, publicado antes desta nova obra, o romance «Fogo na noite escura». O que se reconheceu nele de excepcional — essa qualidade — foi a sua maior diversidade das perspectivas e dos tipos sem rebuscamento nem artificial empolgação de situações que é indelido imediato de potência romanesca — era bastante para determinar a curiosidade e as possibilidades de um escritor. Não foi pelo caminho mais fácil. Procurou imediatamente a realidade vivida e encorporou-a em fantasia. «Fogo na noite escura» é o romance representativo de uma geração juvenil em Coimbra, procurando o seu caminho entre as sombras de uma época cujas angústias e emagamentos não contribuíam para criar e que não aceitou pela abdicção. Contra o natural e o comum — só se faz literatura valiosa com as recordações da adolescência depois de ela estar há muito extinta.

Fernando Namora encontrou facilmente a sua naturalidade, exprimindo assim intervalos o que viveu. Nesta circunstância, sobretudo, residiu a qualidade do seu romance «Fogo na noite escura».

Venceu com êxito o que havia de audacioso na sua tentativa. Venceu com êxito, também, o que há de difícil, laborioso e até esforçado nesta novela «Casa da Malta» há pouco editada na coleção «Novos prosadores». Difícil, com efeito, porque Namora não se contentou em representar nesta obra de ficção uma ordem de realidades observadas externamente; a das misérias, sofrimentos, inquietudes e vagos prenúncios da gente que labuta na sagrada terra alheia — o drama dos braços alagados que uma tenue consciência e uma sensibilidade dolorida e sem remédio acompanham. Enveredou pelo mais complexo desdobramento de planos; reuniu no mesmo ambiente, na mesma inquietação, personagens de formação muito diversa; fundiu numa paisagem humana de grande verdade e bem unificada as mais diferentes perspectivas da grande dor e da grande interrogação da vida.

A novela desenrola-se numa sucessão de quadros em que fulgem e logo passam situações e figuras. Se o processo implica uma certa redução dos caracteres, se suspende — alguns vezes até à proximidade do malogro — personagens que deviam viver mais longe e mais completamente na novela, por outro lado enriquece pela variedade o conjunto do quadro humano a cuja pulsação assistimos.

Sendo o ambiente muito diverso do que descreveu em «Fogo na noite escura», tem com ele de comum a figuração de personagens muito numerosas, rapidamente definidas e com personalidade marcada. Quando expressa, se adivinha melhor ou pior, isso só prova que Fernando Namora possui como escritor uma unidade no processo de compozição que bem pode ser a promessa de obra mais substancial e mais rica quando o tempo e a experiência lhe permitirem maior densidade na concisão. Essa virtude de que tanto carecem os novos romancistas e novelistas portugueses — uma verdadeira forma e promessa no autor de «Casa da Malta».

O estilo é quase sempre cuidado e firme. Nota-se apenas que Namora exagera um pouco o conceito da simplicidade — coisa que pode facilmente transformar-se em preconceito, em todo o sentido desfavorável do termo, se não corresponder sinceramente a uma natureza íntima de escritor. Os rápidos relances de paisagem que se multiplicam entre o movimento e a expressão falada das personagens da novela, não perderam nada em ser prolongados e alargados. A nota justa da vida da natureza, sobretudo na descrição de um rio, não se perde nos meios rítmicos, é um elemento de composição artística que a literatura nova deve procurar mais deliberadamente. E nota justa não implica que seja nota demasiado concisa, nem que seja abeto esse toque de lirismo que conduz a sensibilidade do leitor mais subtilmente à simpatia e à compreensão das almas que vivem num romance ou numa novela.

«Casa da Malta» confirma um caminho de escritor que só espera maior enriquecimento de sentido dramático e um pouco mais de ironia para alcançar o nível das criações completas.

«GAMIRRA», por Antunes da Silva

A arte do conto exige um poder de concentração em que se fundam o real e o imaginário com igual vigor expressivo. Não basta o desenho de uma personagem nem o esboço de um ambiente para construir o conto; é indispensável o embate da personagem ou da massa em que ele se funde com uma situação — e, à volta disso, um domínio simultâneo da concisão e da eloquência que deixem

(Continua na página 13)

LIVRARIA EGLETICA
LIVROS NOVOS E USADOS
Compra grande e pequena
bibliotecas
Calçada do Combro, 58 — LISBOA

A guerra foi para as letras francesas, como para tantos outros aspectos da vida espiritual e moral da França, um decisivo factor de sumiço no esquecimento ou na indiferença nomes que ascendiam vigorosos na popularidade literária e, em seguida, mesmo, ganharam destaque e proeminência outros nomes que permaneciam em sombra relativa ou surgiram com vigorosa afirmação os novos de que mal se reconhecia a existência.

Alexandre Arnoux é um desses escritores representativos cuja obra alcançou mais rápido e completo êxito depois da última guerra do que em todo o percurso de uma longa carreira apresentada no âmbito da sua prosa, em que palpita um sentimento de comunhão profunda com as forças e as cores, um sensualismo expresso em arte e em fantasia, parece correspondente hoje mais fortemente à índole espiritual da França. Até hoje a grande língua latina criava e admirava uma literatura brilhante mas que era, simultaneamente, características literatura de decadência. Varridamente o que era devotado e senário, e guerra veio fazer sentir uma necessidade mais intensa de frescura e de pureza. E a essa exigência íntima que a obra de Alexandre Arnoux corresponde — e por isso o tempo veio ao seu encontro. A primeira obra dedicada ao presente foi «La mort de Paris», levada à cena por Antoine em 1909. O primeiro romance, «Didier Flaboches», foi publicado em 1912. O último livro, «Hélène», já exprime o grande drama da França — partito à índole espiritual da França. Até hoje a alma do seu país mal arrebatava neste momento a perpetuidade da esperança no coração humano. A parte final do romance é uma espécie de reportagem vivida dos últimos tempos da ocupação alemã, dos combates ardentes em que o povo francês recuperou a consciência do seu inato heroísmo e da apoteose da liberdade cujo eco ainda vibrará por muito tempo na alma da França.

«Toda a minha geração me acompanhará», exclama Arnoux numa passagem do romance, «geração que morreu fisicamente em Verdun e Champagne, que tombou moralmente em Danquerque e no Mos, que se resuscitou e em que voltam a ascender o sangue e a seiva». Alexandre Arnoux é hoje considerado pela crítica francesa um dos grandes vitoriosos da sua língua, um poeta, um sempre profético que sabe atingir as maiores profundezas do consciente e do inconsciente.

ALEXANDRE ARNOUX





EVOCACÃO DA VISITA DO REI DE ESPANHA

Presentemente é a hora de voltar ao passado e recordar nos dias de hoje a visita do Rei de Espanha ao Brasil, em 1888. O Rei D. Carlos, com a Rainha D. Amélia, chegou ao Brasil em 18 de Junho de 1888. O Rei D. Carlos, com a Rainha D. Amélia, chegou ao Brasil em 18 de Junho de 1888. O Rei D. Carlos, com a Rainha D. Amélia, chegou ao Brasil em 18 de Junho de 1888.

D. AFONSO XIII

A CAPITAL PORTUGUESA VIVEU CINCO INOLVIDÁVEIS DIAS DE ANIMAÇÃO E DESLUMBRAMENTO

Em 1888, o Rei D. Afonso XIII chegou a Lisboa em 18 de Junho. A capital portuguesa viveu cinco dias de animação e deslumbramento. O Rei D. Afonso XIII chegou a Lisboa em 18 de Junho. A capital portuguesa viveu cinco dias de animação e deslumbramento.

de 1888, o Rei D. Afonso XIII chegou a Lisboa em 18 de Junho. A capital portuguesa viveu cinco dias de animação e deslumbramento. O Rei D. Afonso XIII chegou a Lisboa em 18 de Junho. A capital portuguesa viveu cinco dias de animação e deslumbramento.



Outro aspecto da recepção ao Rei de Espanha em Lisboa.

Em 1888, o Rei D. Afonso XIII chegou a Lisboa em 18 de Junho. A capital portuguesa viveu cinco dias de animação e deslumbramento. O Rei D. Afonso XIII chegou a Lisboa em 18 de Junho. A capital portuguesa viveu cinco dias de animação e deslumbramento.

Porém, a visita do Rei D. Afonso XIII ao Brasil em 1888 foi marcada por eventos significativos. O Rei D. Afonso XIII chegou ao Brasil em 18 de Junho de 1888. A capital portuguesa viveu cinco dias de animação e deslumbramento.

Em 1888, o Rei D. Afonso XIII chegou a Lisboa em 18 de Junho. A capital portuguesa viveu cinco dias de animação e deslumbramento. O Rei D. Afonso XIII chegou a Lisboa em 18 de Junho. A capital portuguesa viveu cinco dias de animação e deslumbramento.



D. Afonso XIII e D. Carlos, em momento da visita do Rei de Espanha, que foi extraordinariamente animada pela recepção brasileira.



O primeiro aspecto da recepção ao Rei de Espanha em Lisboa em 1888.



O momento em que o Rei D. Afonso XIII chegou a Lisboa em 18 de Junho de 1888. A capital portuguesa viveu cinco dias de animação e deslumbramento.



O Rei D. Afonso XIII e D. Carlos, em momento da visita do Rei de Espanha, que foi extraordinariamente animada pela recepção brasileira.



O primeiro aspecto da recepção ao Rei de Espanha em Lisboa em 1888.

Em 1888, o Rei D. Afonso XIII chegou a Lisboa em 18 de Junho. A capital portuguesa viveu cinco dias de animação e deslumbramento. O Rei D. Afonso XIII chegou a Lisboa em 18 de Junho. A capital portuguesa viveu cinco dias de animação e deslumbramento.

Em 1888, o Rei D. Afonso XIII chegou a Lisboa em 18 de Junho. A capital portuguesa viveu cinco dias de animação e deslumbramento. O Rei D. Afonso XIII chegou a Lisboa em 18 de Junho. A capital portuguesa viveu cinco dias de animação e deslumbramento.

(Continuação da página 9)

adivinhar tudo o que não se pode ou não se quer definir. Antunes da Silva não possui ainda esta arte difícil e rara. Não por falta de poder conceptual, que bem transparece na frescura inegável das suas narrações, mas porque a sublição ao real que viu e que concebeu o encanilhamento para a reportagem com valor simbólico não para a recriação do real no imaginário. A pluma alentejana, com o seu intimo domínio sobre a consciência que a reflecte, o seu salmagundo de natureza macia e esmagadora no espirito que assiste nos que nela vivem, parece conduzir-mos fortemente a este deusão da representação literária. Representa o que é ainda a força dominadora da paisagem, talvez, a determinante desajuste de um homem pitoresco natural na realidade mas pouco natural em arte, que caracteriza tantos prosadores alentejanos. Filho de Almeida Filho na nossa literatura como a mais expressiva representação do artista e facilmente cada-cada processo; Antunes da Silva, com muito menor riqueza de sentido dramático, mais empirismo estético, menos cultura literária, acusa esses defeitos ainda mais sensivelmente.

Não perderá nada em evitar o pitoresco e o regionalista, sobretudo na linguagem dialogal, continuando a exprimir nos seus contos o regional, que parece corresponder melhor a sua índole e ao seu gosto; em condensar nas situações vividas pelas personagens o que dispersa em caracterização do ambiente, em subtexto, afinal, o autêntico critério literário de pensão de ficção de reportagem romancada que caracteriza e prejudica tão acentuadamente alguns dos mais esperçozos escritores da geração nova. Os contos reunidos neste livro, «Gaimantas», não são, evidentemente, o definitivo que se escritor pode dar-nos.

LUIZ DE QUADROS

(Continuação da página 7)

existirá. Não quero dizer com isto que os «trapezes» espanhóis gostem mais a sentir a sua necessidade como cidadãos, mas não deixam de odiar como profissionais. O critério inglês e americano de liberdade de acesso às fontes de notícias e de liberdade de informação é ali visto com a maior simpatia.

—E sobre Rádló, que nos pode dizer?

—A Rádio Nacional de Espanha, como quase todas, senão todas, as emissoras do Estado enferma dos mesmos defeitos que as suas congéneres burocráticas, chefes incompetentes que a política lhe atirou para cima, rivalidades mesquinhas e individualismo em vez de espirito de colaboração e de seleção de valores através do mérito revelado, etc., etc. Creio que não clima desta natureza é impossível fazer-se rádio. Além disto, os seus dirigentes estavam obcecados por uma preocupação literária assustadora e, inexplicavelmente, subordinavam inteiramente os seus programas noticiosos e de propaganda política ao velho critério jornalístico. Isto é, a Rádio para eles não passava de uma serva da Imprensa, da Literatura e do Teatro, como se, hoje em dia, ela não fosse uma coisa abundantemente bem diferenciada daquelas, uma coisa já senão de uma arte e técnica próprias.

—E a Radiodifusão espanhola é toda assim?

—Não, de modo algum. Se bem que muito condicionadas, muito «apertadas», pela Radiodifusão oficial, há emissoras muito razoáveis, como, por exemplo, «Rádio Madrid», e que se mais não fazem é por que lho não permitem.

—E agora em Lisboa, que pensa fazer?

—Passivamente, e seguindo aquele consagrado critério de tantos senhores que tiram um curso de Medicina mas se dedicaram à agricultura, eu, depois de ter frequentado uma Escola de Jornalismo, irei, se nenhum dos dez diários lisboetas se lembra de mim, criar galinhas para a Malveira...

—A quinze tostões cada ovo, creio que não será mau negócio!

(Continuação da página 7)

espirito desenhando os meus esboços.

—E a rir?

—Bonecos, na verdade. Sabe que antes de fazer figurinos fiz desenhos infantis?

—E em que jornal?

—No «Falcão». Coisa de aventuras, para alegrar a pequenada. Histórias onde o desenho, sugestivo, deve ser simples à compreensão da criança. E depois dum passeio como preparo para mudar o rumo à conversa: «Tenho feito muitos trabalhos de ilustração. Gosto desse género. Poder-me, às vezes, dar largas à nossa fantasia criadora e deixar, através do lápis, transparecer certo tumultuar de ansiosos que não anda na alma.

—E reforçando o pensamento: —E que, para o artista (e perdóme este tom pretencioso), o trabalho leva sempre um pouco do nosso sonho.

—E, então, romântica?

—E Arminda Pereira, a rir: —Talvez —mas não me debruo da janela só para olhar as estrelas. Vejo também a vida. Sabe qual é o meu sonho? É emigrar — chegar à América. Viver lá. Tenho possibilidades de trabalhar como figurinista e alcançar, facilmente, o que aqui nunca se consegue com porfiosos esforços e cansaças.

Há nos olhos da jovem artista um expressivo clarão de esperanças. Note-se bem que quer vencer. De facto, ela tem recursos para impor a sua arte, em qualquer parte do mundo. Além disso, fala primorosamente o inglês — e é sociável, alegre, optimista com portento, como dizem os americanos.

—Vereinos — remata a gentil artista — se ainda um dia as senhoras portuguesas háo-de vestir pelos fios rítmicos americanos, felis por uns, portuguesas!

AVISOS AO MUNDO

(Continuação da página 2)

E, como sempre, quando um homem fala, outros homens háo-de ter sorriso, incredulamente.

Mas o aviso ficou. E se, da mesma forma que um homem prevenido vale por dois, uma nação prevenida pode valer por duas, é natural que as nações se previnam — para mais valer.

Iremos, positivamente, ter as fábricas de armamento em plena laboração, chamada de novas classes às fileiras, a máquina de guerra a mover-se por detrás da cortina da diplomacia...

É o futuro poderá dizer se Churchill tem razão. E só nos resta, a nós, desajar que esse futuro seja, o mais possível, afastado dos nossos dias... — se ainda um dia as senhoras portuguesas háo-de vestir pelos fios rítmicos americanos, felis por uns, portuguesas!

SUA VEZ MAS FIRME

Assim é a acção de LAXOBAC, o novo laxante. Muito recomendável nos casos de prisão de ventre obstinada e no de evacuações irregulares. Quem não pode tomar purgantes, encontra no Laxobac um remédio agradável, sabendo apenas a óptimo chocolate.

«Laxobac» acaba com a prisão de ventre e é ideal tanto para os adultos como para as crianças.

LAXOBAC

Em todas as farmácias a Escudo 5550 e 12800, ou calcinha Lembre-se do nome.

"55"
BAIÃO
DA MODA
EM B LINDOS TONS

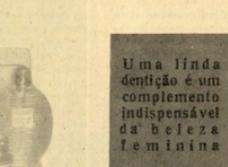
PAPELARIA CARLOS

RUA AUREA, 34-38 ~ LISBOA ~ TELEF. 2 0244

Especializada em livros de escrituração e Artigos de escritório



Água Dentífrica MONTEGIL

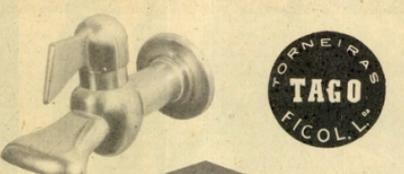


Uma linda dentição é um complemento indispensável da beleza feminina

Use a Água Dentífrica MONTEGIL

AVISOS AO MUNDO

(Continuação da página 2)



EVITE as incómodas e aborrecimentos utilizando em sua casa as Torneiras TAGO

TORNEIRAS PARA TODAS AS APLICAÇÕES

Porque é que o seu médico aconselha SULFADENTINA?



Porque usar SULFADENTINA representa uma defesa permanente contra as bactérias e torna os vossos dentes sãos como nenhuma outra.

AGUARDENTE VELHA
Neepoort
a prova está na prova

O escultor José Farinha refuta uma opinião do artista Diogo de Macedo

e abusivos nas fraquezas de originalidades.

— E acha que isso não é justo? — Pois acho. Sobre a primeira afirmação julgo que o escultor Diogo de Macedo se não refere a qualquer possível e natural semelhança de indumentária, e digo possível e natural porquanto os navegadores Nuno Tristão e Gonçalves Zarco eram contemporâneos, e as fontes informativas onde colhemos elementos tiveram de ser, fatalmente, as mesmas, por não as haver numerosas. E bom não esquecer, também, que ambos os monumentos, representando navegadores da mesma época, se destinam a comemorar feitos idênticos. Tendo em vista estes factos, que de forma alguma se devem desprezar, já estamos mais habilitados a julgar, com imparcialidade, as fraquezas de originalidade.

— Quer então dizer que não as não houve?

— Disse-lhe há pouco que não concordava com a opinião de que as emaguetas eram, na maior parte, réplicas da estátua de Gonçalves Zarco, mas o que me surpreendeu em altíssimo grau foi ter o escultor Diogo de Macedo preferido fazer-nos acusações de tal ordem que, sem acusar ninguém em particular, no entanto a todos atinge. Teria sido muito mais natural não admitir a concorrência, ou, se admitir publicamente (enquanto expostas), as emaguetas que lhe parecessem réplicas, assumindo, assim, a responsabilidade das suas afirmações, perante o público, a crítica e os concorrentes. Teria, também, a vantagem de castigar só os culpados.

— E quanto à segunda parte?

— Quanto à segunda parte, só posso lamentar que faça tão mau juízo sobre as qualidades morais dos escultores concorrentes e, ainda, que faça recair sobre a totalidade, a insinuação de serem adivazes na opinião de que os jurados são uma ignorância.



O escultor José Farinha

— Também não acho isso justo? — Não, e pela maneira por que se exprime, fica-se com a impressão nítida de que as suas palavras não passam dum desforço contra alguns dos concorrentes que o tenham julgado menos justo; mas... incluir a totalidade dos concorrentes, dum ressentimento que só a alguns deveria dizer respeito, já é uma prova de fraca noção de justiça, não lhe parece?

«Ouso perguntar ao escultor Diogo de Macedo se a moral, neste caso, é ser injusto, atingindo todos com afirmações que, problemáticamente, só a alguns se deveriam referir, desrespeitoso do trabalho alheio feito com probidade, honestamente e à custa, muitas vezes, de grandes dificuldades de toda a espécie — para se não deixar perder uma oportunidade que, julga-se, nos oferecem?

— Pronto — a entrevista ia longa. E por isso a demos por terminada.



NUNO TRISTÃO, por Francisco Franco

JOSÉ Farinha é um dos escultores da moderna geração que vem afirmando, dia a dia, a sua personalidade.

Artista probe e culto, sem enfileirar em escolas ou partidarismos, ele confia muito nas suas qualidades de inteligência e no seu labor intenso de escultor.

Ultimamente foi, também, um dos concorrentes ao monumento a ergido ao navegador Nuno Tristão, o desdóbrador da Guiné.

Diogo de Macedo, artista dos maiores da nossa terra, e director do Museu de Arte Contemporânea, que fazia parte do júri, escreveu, a propósito dos trabalhos dos escultores, o seguinte, que levantou grande efervescência nos meios artísticos e, notadamente, nos escultores:

«A maior parte das emaguetas eram réplicas da obra mestra de Francisco Franco — a estátua de Gonçalves Zarco — osumos perguntar aos escultores concorrentes se a moral nestes casos é ser desrespeitoso, abusivo das fraquezas das originalidades, adivazes na opinião de que os jurados são uma ignorância ou se a imaginação e a sensibilidade que há tempo a esta parte anovavam em vitoriosa tarefa demonstrativa de que em Portugal existia uma autêntica pleiade de elegantes escultores, porventura disfarçados com a mudança das lous dum ano para o outro?»

Esta afirmação agitou o meio. Foi, por isso, que resolvemos procurar José Farinha, artista independente e viado na crítica de Diogo de Macedo — como concorrente.

Encontramo-lo à saída do café Chindo. O artista, a sorrir, aceitou a entrevista, e começou por nos dizer:

— O que o sr. Diogo de Macedo escreve pode dividir-se em duas partes: uma, de ordem técnica, a que se refere à afirmação de que as emaguetas eram, na maior parte, réplicas da estátua do escultor Francisco Franco; a outra, embora consequência da primeira, de juízo pessoal sobre as nossas qualidades morais que nos teriam levado (na sua opinião, é claro) a ser desrespeitosos



Foram estas as emaguetas apresentadas pelos vários escultores



Astronomia &...

(Continuação da página 22)

os seus filhos, e cozem os seus corpos para se alimentarem.

Referindo-se ao ano 456 da nossa era, Isidoro Idiaco regista:

«...Teodorico, rei dos godos, com assentimento do Imperador Avitio, invade as Espanhas com um poderoso exército. Sai ao seu encontro Rechiário com grande número de suevos, travada a batalha de Astorga. Junto ao rio Orbigo, no terceiro dia antes das Nonas de Outubro — 5 de Outubro de 456 — uma sexta-feira, foi vencido e destróido Rechiário...»

Porém, como o bispo Idiaco anota:

«Teodorico dirige-se com o seu exército a Braga, última cidade da Galiza, e no quinto dia antes das Calendas de Novembro — 28 de Outubro de 456 — que era um domingo, tomou-a, e saqueou-a de uma maneira facilmente...»

Os suevos não foram totalmente aniquilados. Dividiram-se em bandos, reconhecendo vários reinos. E referindo-se ao ano 459 da nossa era, regista o *Cronicon* do bispo Idiaco:

«...Assolam — (os suevos) — a casta e sua costada perfida Lusitânia, e sob o disfarce de paz, entram na cidade de Lisboa, com a intenção de a tomar de seus mãos, e reúnem um grande botim».

E suevos e godos foram destruído, pilhando, e a devastação e a ruína desolaram a desolação dos seus montes de misérias e dor sobre a Galiza e a Lusitânia.

Portugal formou-se com o Sul da Galiza e o Ocidente da Lusitânia.

Em 462, os godos tomam e sa-

queiam Santarém; em 465, os suevos conquistam e saqueiam Coimbra; em 468, tornam a tomar Coimbra, que incendiam. Lisboa é tomada pelos suevos, em 469, e logo mesmo, são conquistada e saqueada pelos godos. Chaves regista-o Santo Isidoro de Sevilha, no «*História dos Godos, Vândalos e Suevos*», foi saqueada pelos suevos em 466.

Por estes tempos também, foi no ano 445 da nossa era, vindos das montanhas do mar Cáspio, os ferros hunos de Attila invadiram a Europa.

Venceram Teodorico II, Imperador do Oriente; depois Valentiniano III, Imperador do Ocidente; em 450, devastaram a Gália, sendo ainda vencidos e destróidos pelo general romano Aécio, coligado com Meroveo, rei dos francos, e Teodorico I, rei dos visigodos, que se deu a matar, nessa famosa batalha dos Campos Catalaunicos — (*Châlons-sur-Marne*).

Quando, nesta minha tribuna, digo, uma folga me permite que divague um pouco sobre astrologia e as suas previsões, não me aleitem estímulos animadores, ao considerar os factos, que a história regista, em semelhante posição astral.

E, ante uma Europa coberta pela devastação das ruínas de tantas impérios, minada por ratiellages, uma Espanha não refeta dos destróidos e das fundas, e de uma guerra civil, quase parece ilusão o sossego desta balza e apazada me-

Mas, sob a calma branca das cinzas, crepita o braziro ardente das pal-

E, ao considerar as posições astrais e os relatos do passado, quando uma folga me consente, que medite um pouco sobre astrologia, não por mim pouco tenho a viver — mas pelos meus, por meus filhos, pelo meu neto e pela minha Pátria, e pela minha Igaia — que nasel Irato — sou, cristão — invado-me o recio de um retorno duns ferros hunos de um Attila...

Em todas as IDADES...

é necessário fortalecer os ossos e os músculos para evitar o esgotamento e a doença.



Então, mesmo que não tenha tempo para fazer exercício, basta tomar um pouco de Fósforo Ferrero.



Na idade escolar, quando o cérebro das crianças começa a trabalhar, deve-se impedi-las de fazerem os primeiros livros.

A diminuição da alegria, a falta de apetite, a insonia, o cansaço, a falta de memória, os nervos excitados, são sinais de alarme com os quais o organismo anuncia a perda de resistência.

Se notar qualquer destes sintomas, consulte o seu médico e recorra com confiança ao Fósforo Ferrero.

Depois de um breve tratamento, os seus músculos tornar-se-ão mais ágeis, o seu fôlego funcionará melhor, o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico dar-lhe-ão mais vida, tornando-lhe o trabalho fácil e agradável.

Peca sempre o legítimo Fósforo Ferrero

A venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos

Fósforo Ferrero

SUPER ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUINTE E NUTRITIVO

O senhor que não acreditava na sorte

(Continuação da página 8)

Expliquei-lhe tudo, disse-lhe que estava farto do animal. Nesse altura entrei um sargento sobre a minha recuperação. Abriam-no sobre a mesa do inspector. Continha um recém-nascido morto. Assurei-lhe que aquele não era o pacote que eu atirara fora e que a criança não era minha. Eles, porém, nem sequer tiveram a delicadeza de ocultar-me a sua incredulidade.

O inspector disse que o caso era demasiado grave para poder conceder liberdade sob fiança. Todavia, conseguiu convencê-lo a mandar à minha prometida um telegrama em que eu possívelmente acentuava da capital. Passei assim umas tranquilas, embora monótonas, festas do Natal numa cela da Segurança. Entretanto, as acusações que recitavam sobre mim pareciam pouco documentadas para justificar uma condenação. Condenaram-me apenas por imputação de embriaguez e escândalo público. Mas, perdi o emprego e perdi a noiva, e contentei-me em nunca mais ter visto uma oca.

Estávamos quase a chegar. Ele pegou na sua bagagem e apanhando o chapéu, tentou pô-lo na cabeça. Mas a inclinação não lhe permitiu. Então, colocando de novo o chapéu a seu lado, disse amarga e tranquilamente:

— Não! Não posso dizer que acredito na sorte!

E'distinto!
PREFERIR a nupiar, da PARA DECORAR

JOSEFINA PENA

(Continuação da página 5)

ras pagam régio-não — e o público tem o direito de conhecer e estimar as artistas. A régio-naquelas duas cidades da América é a forma ideal de publicidade. Mas as grandes casas que pretendem lançar os seus produtos, não se limitam a reclamá-los em programas completos. A exaltação da qualidade do produto não é feita à custa de adjectivos, mas sim através da categoria, do interesse e do valor do programa apresentativo. Os programas da «Café-Primas», em Buenos-Aires eram célebres — e pagavam, toda do ano, milhões e milhões para ser as grandes artistas sob exclusivo.

E Josefina Peña, a sorrir, conta-nos que um grande armazém de móveis e decorações lhe mobilou completamente a sua casa. Por cada mês de trabalho, uma mobília de sala, de casa de jantar, quatro quartos, de qual como cá — como estão vendendo... — Por 10 de Janeiro?

— Puta a mulher, a mulher, a mulher! Veiga. Estreie-me ao mesmo tempo do que a Carmen Miranda, de quem sou amiga, conhece as redidas portuguesas que estão no Brasil, entre elas uma «potelre», balza, arzoagada, com umas grandes olhos e uma franja negra sobre a testa...

A identificação dispensa-nos de lhe preparar o nome. O leitor também já a adivinhou...

— E agora, Josefina Peña?
— Agora, aqui estou em Madrid, enquanto não regresso à Argentina, minha segunda Pátria. Mas antes de voltar queria ir a Portugal. Interessava-me conhecer o vosso folclore. Gostaria de cantar na Emissora Nacional. E de tomar parte nos vossos filmes...

Oxalá o futuro se encarregue de fazer-lhe a vontade. Lisboa gostará decididamente desta Josefina Peña cosmopolita, em que a graça de Espanha se mistura com a doçura das etrópias, na doçura da voz. Na elegância dos gestos, no interesse da sua pessoa, como Mulher e Artista. E se eligere-m alguma vez a vossa telefonia para Rádio-Madrid, poderão ouvir-la todas as quintas-feiras às duas da tarde, no «Corazon Corazon» ou de manhã, a maloria das quais são compostas por ela, com versos da sua autoria — que cantam a saudade e o amor...

Madrid, Fevereiro de 1946.

CASA ESTABELECIADA EM 1797

KE LER
Marmelada de Laranjas

BREVEMENTE CHEGARÃO FORNECIMENTOS EM ABUNDÂNCIA

CONSULTEM OS AGENTES
MIRANDA & C.ª — LISBOA
ARNALDO SALGUEIRO & C.ª — PORTO

L. MAITRE & FILS S.A.

PRONTO
WATCH CO
LE NOIRMONT (SUISSE)
CABLES: PRONTO TEL. 6.41.05



Aqui têm o 1.º prêmio de meninas: — Uma esposa — que é repouso...



Este grupo foi tirado na Casa das Beiras



Crianças que tomaram parte no baile infantil do Ateneu Comercial de Lisboa



Maiores crianças que o nosso fotógrafo registou nas festas do Ateneu



A petizada diverte-se...

CRIANÇAS — ALEGRIA DO CARNAVAL

DECIDIDAMENTE, as crianças são o que resta do falecido Carnaval. São elas, com a sua graça, com o seu encanto, as únicas, as raras notas de beleza do insípido Entrudo laboeta, que se deixou finar aos poucos, convencido da sua graça...

Nas ruas, nos teatros, nos clubes, são elas que nos recordam, mais do que o calendário, que estamos em plena quadra carnavalesca.



Este casal holandês, que fez sucesso no Caso das Beiras Que dizem o este par?



E o este soloja que vai para o mercado?



Este «ulmirante» alcançou o 2.º prêmio de «matindes» de terça-feira gorda, no Politeama.



Três encantadores miúdos, em «matindes» infantil do Politeama



Este «imperatriz» o 1.º prêmio de meninas



Uma encantadora ovarine



Têm alguma coisa o dizer o este «Dama antiga»?



Um amor de garoto, não é?...

HISTÓRIA

DA NOVA GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

CAPÍTULO XXX

As conferências interaliadas

A série de encontros e conferências, que constitui a matéria principal deste capítulo, terminou com a visita ao Norte de África do Primeiro Ministro da Grã-Bretanha e com as conversações realizadas entre os chefes do Estado-Maior britânico e americano, respectivamente generais Alan Brooke e George Marshall, a Argel, a fim de se avistarem com o comandante-chefe das forças aliadas na área do Mediterrâneo, general Eisenhower. A estas últimas já nos referimos quando transcrevemos as passagens principais do relatório do general Marshall, em que este revela a natureza e a importância das combinações feitas durante as duas conferências de Casablanca e Washington.

A visita do Sr. Churchill ao Norte de África deu origem sobretudo a esclarecer a situação da França e dos adversários do governo de Vichy perante a Grã-Bretanha e os Estados Unidos. A política destes dois países em relação à França não era a mesma, o que constituía um inconveniente sério para a conclusão vitoriosa das operações no Norte de África e para o prosseguimento da luta na área do Mediterrâneo. O primeiro-ministro da Grã-Bretanha desejava, acima de tudo, estabelecer um acordo, mesmo provisório, entre os generais Giraud e De Gaulle, a fim de unificar o esforço de guerra francês e acertar este com a actividade das organizações de resistência, a fim de que estas pudessem desempenhar o papel essencial que para elas estava previsto quando se realizasse o desembarque no ocidente da Europa. Este desembarque, como vimos pela leitura do relatório do general Marshall, continuava a constituir a preocupação predominante dos dirigentes anglo-americanos nessa época.

Além disso, o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha, que continuava a ser o inspirador da estratégia das democracias ocidentais, dada a sua re-

conhecida competência e a sua vasta experiência dos problemas militares, tinha a intenção de ver a situação no local, a fim de poder estabelecer sólidamente os planos de acção política que há muito vinha amadurecendo e que deviam ter o seu epilogo no afastamento da Itália da luta em que Mussolini a envolvia.

A VISITA DO SR. CHURCHILL AO NORTE DE AFRICA E AS IMPORTANTES CONVERSACOES POLITICAS E MILITARES QUE REALIZOU

O comunicado oficial que deu conta da viagem do Sr. Churchill, publicado depois do regresso deste a Londres, dava conta da natureza e da importância dessas conversações nos seguintes termos:

«O Primeiro Ministro, o Secretário de Estado para os Negócios Estrangeiros (Eden) e o chefe do Estado-Maior Imperial (Alan Brooke), regressaram já a Inglaterra. Há uma semana o Primeiro Ministro partiu de avião dos Estados Unidos para Gibraltar, a fim de se avistar com o general Eisenhower no seu Quartel General de Argel. Aproveitou esta oportunidade para visitar as forças inglesas e americanas que se encontram no Norte de África depois da vitória da Tunísia. O almirante Cunningham, comandante-chefe da esquadra do Mediterrâneo, ofereceu um almoço em sua honra, ao qual assistiram os generais De Gaulle e Giraud. O Primeiro Ministro e o Secretário dos Estrangeiros avistaram-se com a nova Comissão de Libertação francesa, sendo as conversações que tiveram particularmente cordiais.»

O comunicado revelava, portanto, que Churchill se avistara com Eisenhower, a fim de lhe dar conta, em seu nome e em nome do Presidente Roosevelt, das decisões tomadas em Washington quanto às condições em que devia desenvolver-se a estratégia



No Norte de África, os dois líderes da França, Giraud e De Gaulle, cumprimentam-se. Sentados vêem-se Churchill e Roosevelt.

dos Aliados na área do Mediterrâneo. Estivera com o almirante Cunningham, a fim de acertar a participação da esquadra britânica no desenvolvimento dessa estratégia. Por último conferenciara, em companhia do Secretário dos Estrangeiros, com os dois chefes militares franceses, cujas destituições ameaçavam seriamente o prosseguimento da luta em condições vantajosas e constituía uma pesada hipoteca para o futuro da França, cuja libertação, sem grandes sobresaltos de natureza interna, era uma das condições que o Alto Comando aliado punha para a realização dos seus planos no ocidente da Europa em seguida ao desembarque previsto nas conferências dos dois chefes políticos da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos.

A AMIZADE DA GRÃ-BRETANHA E DOS ESTADOS-UNIDOS COMO FUNDAMENTO ESSENCIAL DA PAZ FUTURA

No discurso que proferiu na Câmara dos Comuns, depois da sua chegada a Londres, o Sr. Churchill falou as condições em que decorreu a viagem que fizera a Washington e ao Norte de África, adiantando as revelações possíveis, sem trair o segredo das combinações militares feitas, e antes de terminar produziu uma declaração que impressionou profundamente quanto o escutar. O Primeiro Ministro aludiu à sua amizade fraternal pelo Presidente dos Estados Unidos nos seguintes termos, reveladores da natureza dos seus sentimentos pessoais:

«As minhas relações com o Presidente dos Estados Unidos tornaram-se, durante estes anos de guerra, o mais estreita possível, e são presente mente de uma firme e leal amizade. Enquanto ambos fomos responsáveis pela direcção dos negócios públicos nos nossos dois países, tenho a certeza de que nada pode perturbar a natureza dessas relações e a excelência dessa amizade. Só não faço hoje, acrescento o Sr. Churchill, o longo discurso que merecia a vitória que as nossas armas alcançaram na Itália, porque já tive ocasião de o fazer perante o Congresso dos Estados Unidos. Quando tive oportunidade de me sentar entre os membros da mais alta assembleia do povo americano, representativa da sua vontade soberana, senti-me naturalmente orgulhoso por ter ocasião de fazer um relato dos acontecimentos e por verificar que, apesar das nossas divergências internas, a amizade que une os nossos dois países continua, através de tudo, a ser sólida e inabalável.»

Antes de terminar, o Sr. Churchill proferiu as seguintes palavras, cujo

significado político não deixou de ser posto devidamente em relevo dos dois lados do Atlântico:

«Os anos que se aproximam serão decisivos para os destinos da humanidade. Qualquer que seja a natureza da organização internacional que vai surgir no final desta guerra, estou cada vez mais convencido de que o seu funcionamento deve repousar essencialmente sobre a amizade da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos. É do nosso entendimento recíproco e da nossa profunda compreensão que depende o futuro do mundo.»

Esta parte do discurso do Primeiro Ministro foi interpretada como o início de uma campanha a favor da realização da aliança dos povos anglo-saxónicos, a qual naturalmente se destinava a assegurar-lhes uma posição predominante na direcção dos negócios mundiais, depois da guerra. Uma tal aliança, dado o seu carácter exclusivo, não podia deixar de se destinar a contrabalançar a importância e a influência do factor soviético, os quais, como não era difícil prever, seriam reforçados da luta.

AS RELAÇÕES ENTRE OS PAÍSES ANGLO-SAXONICOS E A U.R.S.S. SEGUNDO O PRIMEIRO MINISTRO BRITANICO

Esta versão, que certamente não era infundamentada, encontrava uma contrapartida, mais formal do que sentida, noutra parte do discurso de Churchill proferido nessa ocasião, um dos mais importantes da sua carreira e um dos mais importantes proferidos por qualquer homem de Estado responsável durante a guerra, nas alusões por ele feitas à Rússia Soviética. À sua participação no esforço comum para ganhar a guerra, e à sua ausência das conversações que acabavam de ter lugar em Casablanca e Washington.

O Primeiro Ministro lamentava profundamente essa ausência, que parecia invariavelmente explicada pelo facto de os soviets terem com o Japão um pacto de amizade, o que os impedia de estarem representados em qualquer conversação onde fosse tratada a situação no Extremo Oriente e a luta contra o Império nipónico. «Ainda nos não foi possível, declarou o Sr. Churchill, trazer o marechal Estaline ou qualquer dos seus representantes às nossas reuniões. Mas posso assegurar que temos na devida consideração o facto de a U.R.S.S. estar suportando o maior peso da guerra terrestre e, ao mesmo tempo, declarar que de todas as decisões ultimamente tomadas foi dada conta particularmente ao nosso aliado russo.»

(Continua)

Uma meia meia feita
Outra meia por fazer
Se as não comprar nesta casa
Muito terá que coser

MEIA DE VIDRO

RUA AUGUSTA, 158
LISBOA

BILHETE POSTAL DA SERRA DA ESTRELA

PRODUTOS DE BELEZA

Rainha da Húndria

W. CAMPOS

O ENCANTO NATURAL DA MULHER QUE QUERE CONSERVAR A SUA BELEZ

BOA NOVA PARA OS QUE SOFREM DOS PÉS



Éis uma maneira simples, rápida e económica para aliviar os seus sofrimentos. Põem os seus pés em água quente na qual tenham acrescentado uma mão cheia de Saltratos Rodel. Este banho leitoso, oxigenado, acalma as dores. O inchaço desaparece. Calos e callosidades amolecidos cedem à pressão das unhas. Seus pés ficam libertados, rejuvenescidos, descansados. Desde hoje à noite, alivie seus pés com um banho de Saltratos Rodel. Em todas as farmácias e drograrias. Preços módicos.



Sr. Director:

Tinha-lhe prometido uma reportagem fotografica que focasse alguns aspectos inéditos da neve na Serra da Estrela. Fiz uma peregrinação imensa para levar a bom êxito o meu desgnio.

Porém, dificuldades de ordem vária não me permitiram fazer mais do que estes breves apontamentos que vão a seguir.

Pego-lhe me perdôe, senhor Director, assim como espero merecer uma apreção benevolente dos leitores de «Vida Mundial Ilustrada».

Sou, de V. Ex.

MAGf



Um pequeno entorço... Os «cakis» pregam destes portadas aos inexperientes. A cura foi rápida.



Estos lavôgens com neve, pela manhã cedo, refrescam a pele, dão beleza e saúde.



Entretanto, a velhota foi atirada sem deixar de atender os olhos vigilantes pelas graxueiras, não se houver algum «deslizante» mais perigoso!



Um descanso, reparador, o mais da subida.



Um desgnio sem importância.



Esquante não se divertam outros troubaelhem. Aqui, a avô veio com o neto apunchar lenha para se aquecerem.

CONSAGRAÇÃO DE MAYÁ

O FIGURINO DA MULHER ELEGANTE!



Realização

«S. P. A.»

LISBOA, RUA DO ALECRIM, 43, 1.º, Dt.º

Telefone 2 1344

Distribuidora

«EDITORIAL ORGANIZAÇÕES»

LARGO TRINDADE COELHO, 9, 2.º

LISBOA

Fala a Cética:

«DIÁRIO DE LISBOA»:

...«um espírito criador de modelos, surge pela primeira vez em Portugal...

...«MAYÁ» tem apresentação superior à das revistas estrangeiras de melhor aceitação entre nós...»

«JORNAL DE NOTÍCIAS» (Porto):

«MAYÁ»... A melhor revista portuguesa da especialidade, que não receia confrontos com as estrangeiras... Confeccção primorosa, tanto gráfica como técnica... Impressão offset de magnífico efeito colorido...»

«A VOZ»:

«MAYÁ»... Publicação luxuosa, impressa em magnífico papel, digna de emparceirar com as melhores estrangeiras... Desenhos originais e interessantíssimos... «MAYÁ»... A melhor publicação portuguesa no género...»

«REPUBLICA»:

«MAYÁ»... A melhor realização que, no seu género, tem aparecido entre nós... Uma revista primorosamente executada... Grande sentido artístico e inexecedível bom gosto...»

ASTROLOGIA &... ASTROLOGIAS

por Da Cunha Dias

COMEÇA, entre nós, a ter foros de ciência a astrologia, ciência milenária, que resurgiu do esquecimento, sacudindo o pó de dois séculos de abandono.

Mas, aperte aqueles, e são alguns, que no silêncio do recolhimento estudam e investigam, do facto de a astrologia não ser oficialmente reconhecida, resulta, que ndacos uns, outros charlatões, presumindo de entendidos, venham a público, em livro ou em jornal, discorrer sobre o que ignoram.

Estuda a astrologia a influência exercida pelos astros, no seu curso pelo firmamento, sobre a vida terrena.

De outra maneira — astrologia é a ciência que estuda as correspondências entre os movimentos celestes e os acontecimentos terrestres.

Na antiguidade a — astrologia englobava a ciência, que actualmente denominamos — astronomia, e a ciência, que hoje se denomina — astrologia.

Dividia-se, então, em — astrologia geral, e — astrologia judiciária.

Estudava a astrologia geral os astros e os seus movimentos; a astrologia judiciária estudava a influência exercida pelos astros sobre a vida terrena.

Duas divisões comportava a astrologia judiciária, segundo tratava da influência dos astros sobre a vida dos indivíduos — astrologia genética, ou estudava a influência, que os astros, nos seus movimentos, exerciam sobre as colectividades humanas, que denominamos nações — astrologia mundana.

Foi reconstituída a astrologia genética, jostrando, através da verificação, do cálculo de probabilidades, os ensinamentos de uma tradição milenária, depois de lhe sacudir a empesa cumada do pó de uns séculos de abandono e as néblas da superstição.

Nada se sabe — publicamente, pelo menos — de astrologia mundana. Nem dos seus processos, nem dos seus princípios.

E, compreende-se, quanto devam ser diferentes, a astrologia genética e a astrologia mundana, considerando que uma igual massa de ferro se comporta de maneira diferente perante a atracção de um íman, se líquido, ou se sólido, e que o mesmo ácido, concentrado ou diluído, não reage também de uma maneira igual.

Succede, porém, que, em jornal e em livro, aparece a ignorância, sempre atrevida, discorrendo sobre astrologia, que estuda a influência exercida pelos astros nos seus decursos sobre o firmamento, esquecendo-se de estudar um princípio, rudimentar, pelo menos, de astronomia, ou, à antiga, astrologia geral, que estuda precisamente o curso dos astros; surgem a fazer previsões, e a concluir sobre factos da vida colectiva, quer dizer, a tratar da actualidade desconhecida astrologia mundana, possuindo conhecimentos superficiais de astrologia genética.

Dado que em quando, um qualquer estampa o horoscopo, copiado algures em um pólice, em evidência para prognosticar acontecimentos colectivos, e toda a gente sabe que a psicologia de uma multidão, é outra diferente do somatório das individualidades, que a compõem.

Além de que, em uma pessoa, por maior que seja a sua categoria social ou política, raro coincide, nos seus traços e incidentes, com a da nação a que pertence. O indivíduo, quando nasce, quase sempre já é escolhido, pelo destino, o indivíduo morre, a nação subsiste.

Nenhuma influência decisiva teve, por exemplo, a deposição de D. Sancho II, nem a de D. Afonso VI no curso da nossa vida nacional.

D. Sancho II foi deposto, e completouse a conquista do Algarve; D. Afonso VI foi deposto, e firmouse a independência nacional.

Sem dúvida possível, D. Sancho II e D. Afonso VI foram reis, e de facto foram reis, eram duas figuras representativas do seu país e as suas deposições, coincidindo com transtornos, certamente funestos, para eles, ocorreram em dois períodos culminantes e propícios da vida nacional.

Mas, deixando nos astros — se o sabem — dificuldades e não são poucas, de estabelecer o horoscopo de um país, quer dizer, de pôr o problema em equação, outra má dificuldade se levanta — interpretá-lo, ou seja resolver a equação.

Em astrologia opera a má dificuldade de interpretar horoscopos individuais, costumam os astros, estudando a vida dos horóscopos, dividir o tema em períodos solares, 30 anos. De facto o Sol, em trinta anos, torna a ocupar no zodiaco posição igual à que ocupava no horoscopo do nascimento.

Mas para interpretar o horoscopo de uma multidão já é de vantajem a divisão pelo número de ouro, o ciclo luno-solar de 19 anos.

Nada se sabe de seguro, publicamente, sobre astrologia mundana, mas parece, que os planetas distantes, mais lentos, com seu demorado influxo, num mesmo signo zodiacal, caracterizam os grandes ciclos da História.

O primeiro dado necessário, em astrologia genética, é uma data precisa, exacta, de preferência a hora do nascimento. Uma diferença de quatro minutos representa o erro de um ano.

Supondo que, em astrologia mundana, se adoptavam ou se podem adoptar os mesmos processos de cálculo, uma dificuldade logo surge — o facto histórico, um acontecimento colectivo. E presume-se, que não é possível marcar a hora do nascimento de Portugal, ou a hora precisa da vitória de Aljubarrotte, ou a de qualquer outro sucesso de equivalente significado na nossa vida nacional.

E, admitindo, resolvida esta dificuldade, com outra, não menor, se verificar, se a determinação do influxo dos diferentes trânsitos planetários.

A verificação também praticamente irrealizável por falta de registos do passado, que, segundo os antigos colégios sacerdotais.

A tarefa excede as possibilidades individuais.

Urno gasta 84 anos a percorrer o zodiaco e a descrever 184 anos e 280 dias; e Plúto cerca de 249 anos.

Mas, por exemplo, a passagem de Neptuno no signo de Peztes, 1682 a 1698, marca o apogeo do absolutismo, e o movimento de seu trânsito em Peztes, 1847 a 1860, assinala a consolidação do regime burguês, saída da Revolução francesa.

O recentemente descoberto, ou reencotrado, Plúto parece, no seu trânsito pelo signo de Carcagueiro, predir os grandes conflitos ideológicos.

No século XVI, assistia ao conelho de Ferraria; à proclamação do antipapa Félix II; às lutas do poder real contra o papado.

No século XVII, quando passava pelo signo de Cerentem, surgiu a Revolução inglesa de 1688, que reformou o direito publico; Newton descobriu as leis da gravitação universal, que davam origem à moderna ciência...

A passagem por este signo do zodiaco a extravagante órbita de Plúto quase se confunde com a ecíplica, o que deve reforçar o seu influxo. Nos meados do século V, os dois significadores, Neptuno e Plúto, ocupavam no zodiaco posições semelhantes às actuais.

Plúto está transtornado sobre os últimos traços do signo de Carcagueiro...

O celebrado bispo Idácio, bispo de Aquas Flévias, actualmente Chaves, o mais antigo referer a seu influxo, registou no seu Cronicon:

«Os Alanos, os Vândalos e os Suevos pertram nas Espanhas na Era 447»;

ou seja, no ano de 409 da era de Cristo.

E, em seguida, informa:

«...reina uma fome tão espantosa, que obrigou por ela, o género humano devora carne humana, e até as mães matam

(Continua na página 16)

SABE-ME
BEM A
COMIDA!



Desapareceu
o excesso
de acidez

Uma digestão normal, sã e bom apetite, estão ao seu alcance se puzer termo às suas perturbações digestivas com Magnésia Bisurada. Flatulência, ardores e dispepsia, eis os sintomas da hiperacidez. Neutralizando-a, desaparecem as perturbações e o estômago passa a andar bem. Basta uma colherzinha de Magnésia Bisurada em pó ou 2 a 4 comprimidos.

DIGESTÃO ASSEGURADA
com
**MAGNÉSIA
BISURADA**
A venda em tôdas as farmácias,
pó ou comprimidos, a 15\$00 e 23\$00.

MEDICINAL
PASTA **COUTO**
TRATA
gengivas descarnadas
ou sangrentas
EVITA
estômacos mercuriais
ou birmuticas
MATA
os microbios da boca,
que dão causa a tantas
doenças graves

Medicinal pequena — tubo 1\$800
Medicinal grande — tubo 1\$850
Vulgar pequena — tubo 4\$800
Vulgar grande — tubo 7\$800



Á VENDA EM TODA A PARTE.
Caixa pequena..... 3\$00
Caixa grande..... 8\$00
Dep.º: **COUTO, L. de** — Porto
L. S. Domingos, 143



PASSATEMPO

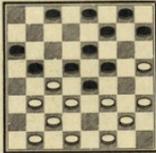


DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES
Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês S4 do Bandeira, 108, 3. — LISBOA

DAMAS

(Secção portuguesa)
(Jogo disputado no Campeonato por Correspondência de Vida Mundial Ilustrada)
(C. Pereira) (A. C. Borges)
Lisboa Porto
Branças Lances Pretas
10-14 1.º 23-19
14-23 2.º 28-19
9-13 3.º 21-18
13-17 4.º 19-14
12-16 5.º 32-28
5-9 6.º 28-23
8-12 7.º 23-19
1-5 8.º 27-23
6-10 9.º 23-20

Posição do jogo ao 9.º lance das pretas:



17-21	10.º	26-17
9-13	11.º	18-8
11-18-27	12.º	30-23
18-22	13.º	25-21
12-15	14.º	20-11
7-14	15.º	23-20
14-18	16.º	21-14
10-19	17.º	17-13
19-23	18.º	20-15
23-27	19.º	Abandonam

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 49

23-27	24-28	7-12	8-12
32-23	31-24	16-7	23-16
27-30	30-4	4-2	ganham.
24-13	16-7	P.	

XADREZ

PROBLEMA N.º 30
Por A. Mari (1.º prémio)



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 29
1. Rg.º

HIEROGIFLOS

- COMPRI-MIDOS
Por Artur Nogueira (Guiné)
- PURA NH cifra**
8 letras
 - Fluido 500 I NA**
6 letras
 - Trinca Rija**
9 letras

SOLUÇÃO DOS HIEROGIFLOS publicados em 7/3/946
Camelo, América, Pombal.

PILHA DE PALAVRAS

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9

X									
A	P	A	L	L	A				
S	Z	L	A	K	V				
G	U	L	I	L	A				
F	H	P	E	F	T				
G	U	E	R	A	N				
F	A	C	O	P	A				
R	E	R	T	E	L				
R	E	T	E	S					
Q	U	E	B	A	N				
R	A	T	R	I	A	S			
T	A	R	E	M	A				
A	R	A	R	C	I	N			
S	Z	L	I	S	O				

Dica

É FACIL... VEJAMOS!
Não sejam ingénios a ponto de considerarem a coisa fácil. Desconfiem das aparências e explorem os em que língua está escrita a palavra tabaco.



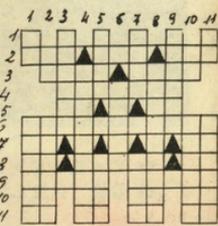
TABAC TABACCO TABAK
TABACO TABAKO TOBACCO

Advertimos que nenhumas delas corresponde ao português, ainda que uma das que transcrevemos se escreva de igual maneira.

BILHETE DE VISITA
Publicado em 7/3/946
Afonso Lopes Vieira.

PASSATEMPO

Por Rocanoli
Publicado em 7/3/946
Solução
Amélia, Branca, Maria, Adriana, Isabel, Júlia, Helena, Leonor, Irene, Cristóvão, Mariana.

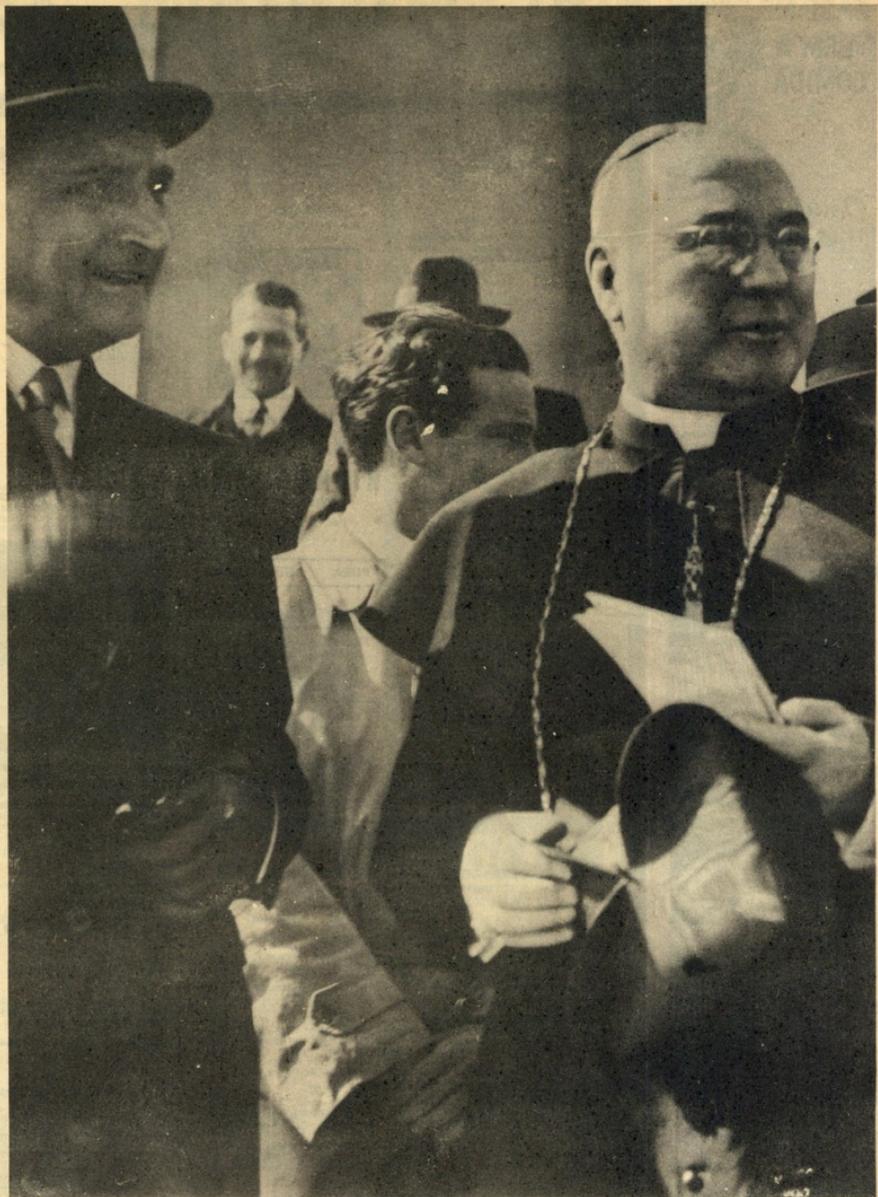


PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 58 (Concurso)
Por Nicolau F. Telo de Moraes — (Viseu)
ENUNCIADO
HORIZONTAIS: 2 — Rjeza; Julgeul; pau-ferro. 3 — Enxada na costa; doença de pele. 4 — Cliente 3 — Onde; arc; cilma. 6 — Parte da ciência que trata dos fenómenos que se dão na terra e das modificações deles resultantes. 7 — Símbolo químico do níquel; esquadra. 8 — Particular afirmativa do dialecto provincial; vasto (das rezas) inv. não. 9 — Matruca; vedeta. 10 — Dente queical; inv.; língua que se falou no Loire; estado de negócio; nome de letra. 11 — Nada; embora; artigo; partes iguais.
VERTICAIS: 1 — Frequente; ponteiro do quadrante solar. 2 — Aquil; abrande. inv. 3 — Valdozo; 4 — Linhol dos sapateiros (pl.). 5 — Imagem pintada, da Virgem na Igreja grega; torna-se cefebre. inv. 6 — Cantos religiosos. inv. 7 — Tombe. inv.; gruta. 8 — Semelhante à fava. pl. 9 — Sarcasmo. inv. 10 — Nome de letra; espécie de sorgo. 11 — Despido; género de plantas arcinicas, de flores belas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 57
HORIZONTAIS: 1 — Camaroteira. 2 — Arar; saem. 3 — Rir; ora; sub. 4 — Cx; alnar; as. 5 — Apor; ra. 6 — Reter; adora. 7 — Ai; 8 — Ir; abrir; mu. 9 — Ras; ela; mor. 10 — Opor; sara. 11 — Samarreiros.
VERTICAIS: 1 — Carcereiros. 2 — Aria; rapa. 3 — Mar; ata; som. 4 — Ar; apela; ra. 5 — Olor; bé. 6 — Obrar; orlar. 7 — Ar; ada. 8 — Eus; arder; st. 9 — Ias; aos; mar. 10 — Reus; moro. 11 — Amassaduras.

SOLUCIONISTAS DOS ULTIMOS PROBLEMAS
(Antiga modalidade)
D. Hermínia Figueira, D. Maria do Carmo Marques de Sousa, João Figueira Ruas, Carlos Pereira Chanoca, José Luis da Cruz, Eurico Machado, José Luis da Costa, Nicolau F. Telo de Moraes, Seven, Tripelro e Kriste e Janeca.
(Nova modalidade)
D. Hermínia Figueira, D. Maria do Carmo Marques de Sousa, João Figueira Ruas, Carlos Pereira Chanoca, José Luis da Cruz e Kriste e Janeca.



**O CARDEAL SPELLMAN, ARCEBISPO DE NOVA YORK, COM
O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO, QUE O ACOMPANHOU
NA SUA VISITA AOS JERONIMOS**

Avermelha as gengivas
Avermelha as gengivas
Avermelha as gengivas
Avermelha as gengivas

CARMIM
CREME
TORERO

Pasta dentífrica
Pasta dentífrica
Pasta dentífrica
Pasta dentífrica

CARMIM
CREME
TORERO

E branqueia os dentes
E branqueia os dentes
E branqueia os dentes
E branqueia os dentes